

COISAS DA

VIDA

MODA
SEM MUITA IMAGINAÇÃO, AS GRIFES LEMBRARAM O PASSADO NOS DESFILES DA 13ª SÃO PAULO FASHION WEEK
PÁGINA 3

SOCIEDADE
PESSOAS COM PROBLEMAS MENTAIS TÊM NO ESPORTE UMA OPORTUNIDADE DE SE REDESCOBRIREM
PÁGINA 5

Adauto Cruz 14.1.00

Juliana César Nunes
Da equipe do Correio

Quando Cabral pisou em terras brasileiras, o país era dominado por índios de várias tribos. Entre elas os Tupiniquins, Tupinambás, Guaranis e Tupi-Guaranis. Antes deles, havia um povo mais antigo que deu origem ao maior grupo de tribos do Brasil: os Proto Tupi, habitantes da região Amazônica há cinco mil anos. A história desses ancestrais perdeu-se ao longo dos séculos. A falta de registros escritos criou uma lacuna nos livros. Pouco se sabe sobre o período entre a chegada da espécie humana no país, entre 12 mil e 35 mil anos atrás, e o início da colonização portuguesa. Os fósseis, amostras genéticas e materiais arqueológicos encontrados até hoje não foram suficientes para esclarecer as dúvidas sobre as ori-

gens dos índios brasileiros.

As primeiras respostas começam a aparecer agora. Depois de 60 anos de pesquisas sobre as 30 famílias indígenas existentes no Brasil, os lingüistas encontraram um grupo formado por 10 famílias donas de vocabulários com muitas palavras e expressões em comum. A coincidência não é um mero acaso. Essas dez famílias lingüísticas provavelmente descendem dos Proto Tupi. As semelhanças entre elas são peças de um quebra-cabeças que reconstrói a cultura de um povo com características físicas e vocabulário completo desconhecido. Os cientistas suspeitavam apenas que os ancestrais indígenas viviam em um ambiente semelhante ao atual. Na Floresta Amazônica, possivelmente na divisa entre Rondônia e Mato Grosso. Provavelmente, os Proto Tupi tinham traços físicos semelhantes aos dos índios de hoje, parentes próximos dos asiáticos.

A forma como esses ancestrais se alimentavam e organizavam suas relações familiares era um mistério para a ciência. Os estudiosos da língua deram um passo a frente nas investigações e deixaram para trás biólogos e arqueólogos. Comparando as línguas, eles descobriram, por exemplo, que os Proto Tupi não viviam apenas à base da caça e pesca. Tinham roça, fabricavam redes, cultivavam mandioca e batata doce. Conviviam com tatus, papagaios e palmeiras. Possivelmente, também plantavam milho. A evidência está no registro lingüístico da palavra socar, a forma mais simples de processar o milho para torná-lo comestível. Em tupi-guarani, uma das famílias mais próximas do Proto-Tupi, a palavra socar está registrada como sok, provavelmente o mesmo nome dado pelos Proto Tupi.

NOMES DIFERENTES

Estabelecer comparações entre palavras e hábitos não é tarefa fácil para o grupo de pesquisadores que se dedica ao tema. A frente deles está o lingüista Aryon Rodrigues, professor da Universidade de Brasília (UnB) e coordenador do Laboratório de Línguas Indígenas. Desde a década de 40, ele estuda os registros lingüísticos dos índios. Primeiro, na Universidade Federal do Paraná, onde cursou a graduação. "A falta de especialistas no Brasil na época me obrigou a fazer pós-graduação na Alemanha", lembra Aryon, considerado hoje uma sumidade internacional no assunto. "Voltei para o Paraná e três anos depois fui para a UnB. Mas, infelizmente, tive que me afastar nos anos do regime militar."

Depois da volta à UnB, Aryon experimentou os anos mais férteis de pesquisa, ao lado das dezenas de alunos orientados de todas as partes do mundo e do Bra-

sil. Eles ajudam o pesquisador a encontrar cada vez mais particularidades sobre os Proto Tupi. Os novos achados são sobre as relações familiares do Proto Tupi. Para chamar as irmãs, mais novas ou mais velhas, os homens usavam o mesmo termo: *ten dyra*. Já as mulheres chamavam as caçulas com um termo diferente: *kypy'yt*.

A diferença mais interessante encontrada pelos lingüistas da UnB está na forma como pai e mãe chamavam os filhos. Os pais usavam uma expressão para definir a relação de parentesco com as filhas e uma outra para o filho. Já a mãe não distinguia o sexo na hora de chamar filho ou filha. É como criança no inglês: *child*, serve para as meninas e os meninos. "Todas essas diferenças sugerem que os papéis sociais nas tribos indígenas Proto Tupi eram bem mais definidos do que nas tribos atuais. E a maior proximidade afetiva entre mães e filhos também fica evidente", explica Rodrigues.

Segundo

ele, os registros lingüísticos também ajudaram a traçar a rota de dispersão dos Proto-Tupi pelo Brasil. A teoria mais aceita, por enquanto, é a de que eles saíram da divisa da Rondônia com o Mato Grosso pelo rio Tapajós em direção à Bacia do Paraná. Lá, algumas tribos chegaram até a migrar para o Paraguai e, outras, como os Guaranis, se estabeleceram na região do Vale do Rio Paraná. Houve também grupos que continuaram a caminhada em direção à Serra do Mar, como os Tupinambás, e povoaram a costa até o nordeste. Tornaram-se os primeiros verdadeiros descobridores dessas terras. Unindo e comparando palavras, a história do Brasil começa a ser recontada.

VOCABULÁRIO

Para reconstruir a história do povo Proto Tupi, foi comparado o vocabulário de 10 famílias indígenas brasileiras. Em algumas, as palavras em comum eram grafadas com uma ou duas letras diferentes. Mas os lingüistas tomaram o cuidado de verificar se o significado era ou não o mesmo. Feito isso, tiveram segurança para afirmar quais palavras faziam parte do Proto Tupi. Até agora, já foram identificadas 200 palavras do vocabulário da tribo. A seguir, algumas delas:

- KO — ROÇA
- OC — CASA
- SOK — SOCAR
- MAN'OK — MANDIOCA
- JETYKA — BATATA DOCE
- INÍ — REDE DE DORMIR
- TABA — ALDEIA
- THATHU — TATU
- AWORO — PAPAGAIO
- TSYRY — PALMEIRA

RESGATE CULTURAL

PESQUISADORES RECUPERAM, ATRAVÉS DE REGISTROS LINGÜÍSTICOS, O COTIDIANO DOS ÍNDIOS QUE VIVIAM NA REGIÃO AMAZÔNICA HÁ CINCO MIL ANOS. VOCABULÁRIO MOSTRA INDÍCIO DE CULTIVO DA MANDIOCA E EXISTÊNCIA DE RELAÇÕES FAMILIARES DEFINIDAS